



As condições físicas e de saúde dos escravizados nos anúncios de jornais da Paraíba oitocentista (1850-1888)¹

Elainne Cristina Jorge Dias
Mestranda em História pela UFPB
elainnejorge@hotmail.com

RESUMO: Este artigo trata de discutir as condições físicas e de saúde dos escravizados na Paraíba (1850-1888) a partir dos anúncios de escravos em periódicos. O texto é uma reflexão dos dados contidos nos anúncios de escravos, já que estes nos fornecem ricos detalhes que possibilitam verificar uma população constantemente atacada por problemas de saúde e castigos. Este estudo vai além dos sinais contidos nos anúncios, uma vez que é fundamental dar importância aos aspectos ambientais, às condições sanitárias, aos regimes de trabalho, às dietas alimentares que foram presentes no cotidiano dos escravizados na Paraíba, para assim compreender melhor a temática.

PALAVRAS-CHAVE: Escravizados, Saúde, Anúncios.

ABSTRACT: This article comes to discussing the physical conditions and health of the enslaved in Paraíba (1850-1888) from advertisements of slaves in journals. The text is a reflection the data contained in advertisements the slaves, since they provide us with rich detail that allow a community constantly attacked by health problems and punishments. This study goes beyond the signs contained in the ads, since it is essential to give importance to environmental, health conditions, working arrangements, to the diets that have been present in daily lives of slaves in Paraíba, in order to better understand the topic.

KEYWORD: Enslaved, Health, Advertisements.

Introdução

Nos últimos anos, o estudo da saúde e das condições físicas dos escravizados tem avançado em pesquisas que se propõem a discutir e problematizar questões acerca das condições cotidianas em que viveram a população cativa no Brasil durante o século XIX. Conforme Ângela Porto², isto se deve ao fato de que a produção historiográfica vem sendo enriquecida por contribuições que abrem novas perspectivas de investigação a respeito da saúde e das doenças dos escravos.

¹ Artigo apresentado como requisito de conclusão da disciplina TE - Sociedade e Culturas Políticas no Brasil Oitocentista, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em História da UFPB, 2011.

² PORTO, ÂNGELA. Fontes para a História da Saúde dos escravos no Brasil. In: *ENCONTRO ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL*, 4º, Curitiba. *Anais...* Curitiba: [s.n.], 2009. Disponível em: <<http://www.endnot.com/eninfo.asp>>. Acesso em: 20/1/2011.



Ângela Porto³ destacou que, na historiografia brasileira a questão da saúde e da doença do escravo tem sido analisada apenas indiretamente nos trabalhos acadêmicos sobre a escravidão em geral e que os múltiplos aspectos relacionados a essa questão são parcialmente conhecidos, além de se encontrarem dispersos em fontes primárias de origens diversas. A mesma autora ainda salientou que nos últimos anos este quadro tem mudado, pois teses recentes encontram no estudo das práticas de saúde, doença e cura um espaço de interessante valor histórico para a observação das tensões, conflitos e negociações na sociedade escravista. Exemplo dessa renovação de estudos é a obra organizada por Dilene Raimundo do Nascimento e Diana Maul de Carvalho⁴, na qual há artigos que analisam a doença a partir de diversos aspectos.

Esta produção de pesquisas científicas que problematizam a questão da doença e consequentemente da saúde revelam o espaço que a história das doenças vem conquistando dentro das produções historiográficas, mostrando assim que este objeto de estudo deixou de ser analisado exclusivamente pela medicina. Com relação à doença como objeto de análise, Silveira e Nascimento⁵ colocaram que esta é possível, pois existe uma historicidade nas doenças ligada a todos os acontecimentos do ser humano e que assim como a história, a doença como fenômeno é uma construção.

No que diz respeito à história da doença dos escravos, esta passou a ganhar espaço na medida em que a historiografia da escravidão abriu caminho para novas abordagens e perspectivas sobre a temática, sobretudo acerca da condição social dos escravizados e de suas formas de luta e resistência ao sistema escravista. Isto porque as condições de trabalho, higiênicas, climáticas e, epistemológicas eram determinantes para o desenvolvimento das doenças entre os escravizados⁶, as quais resultaram muitas vezes em altos índices de mortalidade entre estes, tornando-se desta forma um ponto essencial para os pesquisadores que se propõem a discutir as condições de vida da população escravizada.

³ PORTO, Ângela. Fontes e debates em torno da saúde do escravo no Brasil do século XIX. In: *Revista Latino Americana de psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 11, n. 4, p. 726-734, Dez. 2008.

⁴ NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; CARVALHO, Diana Maul de (org.). *Uma história brasileira das doenças*. Brasília: Paralelo 15, 2004.

⁵ SILVEIRA, Anny Jackeline Torres da; NASCIMENTO, Dilene Raimundo do. A doença revelando a história. Uma historiografia das doenças. In: NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; CARVALHO, Diana Maul de. (org.). *Uma história brasileira das doenças*. Brasília: Paralelo 15, 2004.

⁶ É importante destacar que estas doenças, analisadas a partir dos anúncios de jornais, não atingiam apenas os escravizados, mas todas as classes sociais.



As condições físicas e de saúde dos escravizados na Paraíba (1850-1888)

O objetivo deste artigo é analisar a “doença do escravo” a partir de informações de condições físicas e de saúde dos escravizados presentes nos anúncios de jornais da Paraíba que circularam durante a segunda metade do século XIX, mais precisamente entre os anos de 1850 e 1888. Isto se deve ao fato de não ser possível analisar as condições de saúde dos escravos sem discutir as doenças e curas. Destaca-se ainda, que este estudo permite levantar algumas hipóteses sobre a saúde da população escravizada da Paraíba Oitocentista, já que os anúncios de escravos conforme Márcia Amantino⁷ trata-se de amostragens e, como tais, seus resultados não devem ser vistos como absolutos, além serem “elaborados a partir da convivência que o senhor tivera com o escravo antes da fuga”.⁸

Todavia, isto não tira a importância deste tipo de documento para estudar a população escravizada, pois por meio dos jornais é possível ter uma visão do universo em que viviam. Luiz Mott⁹ destacou que um levantamento sistemático destes anúncios permite ao pesquisador interessado no estudo da população servil, reconstruir minuciosamente inúmeros traços desse segmento que outras fontes (censos, cartas de alforria, matrículas), omitem ou são lacunosas a exemplo da ocupação, proprietários anteriores, além da aparência do sujeito.

100

No que diz respeito a este último aspecto, isto se torna possível de analisar, pois os anúncios de escravos fugidos são “verdadeiros “retratos falados” que numa época anterior à fotografia, constituem a imagem fiel que podemos dispor da aparência física e outras características da escravaria”¹⁰. Sendo assim, os anúncios de escravos permitem problematizar diversos aspectos do cotidiano e das condições em que viviam a população escravizada na Paraíba na segunda metade do século XIX.

Cabe destacar, que este não é um estudo pioneiro que analisa aspectos da população escravizada por meio de anúncios de jornais do século XIX. Gilberto Freyre desde a década de 1930 percebeu a importância deste material para analisar a população escravizada do Brasil a partir de uma interpretação antropológica, discutindo, entre outros aspectos, as indicações sobre

⁷ AMANTINO, Márcia. As condições físicas e de saúde dos escravos fugitivos anunciados no Jornal do Commercio (RJ) em 1850. In: *Revista História, Ciência, Saúde- Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 1377-1399, out./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v14n4/14.pdf>>. Acesso em: 20/1/2011.

⁸ CARVALHO, Marcus J. M. *Liberdade. Rotinas e Rupturas do escravismo no Recife, 1822-1850*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2002.

⁹ MOTT, Luiz. O escravo nos anúncios de jornal de Sergipe. In: *ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS*, V, 1986, Águas de São Pedro. *Anais...* Águas de São Pedro: [s.n.], 1986.

¹⁰ MOTT, Luiz. O escravo nos anúncios de jornal de Sergipe, p. 4.



problemas físicos, modificações corporais, marcas no corpo dos escravizados, além de questões culturais.¹¹

Este estudo pioneiro de Freyre serviu de base para diversos pesquisadores interessados em discutir a escravidão no Brasil a partir dos anúncios de escravos presentes nos periódicos do século XIX. Dentre as novas pesquisas que utilizam estas fontes, destaco a de Márcia Amantino.¹² A autora analisou de uma perspectiva renovada, as condições físicas e de saúde dos escravos fugitivos anunciados no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro que circularam em 1850. Isto foi possível, pois, “novos interesses podem superar funções vigentes, de forma que o pensamento histórico, sob pena de torna-se anacrônico, tem de modificar suas perspectivas orientadoras com respeito ao passado”.¹³

Sendo assim,

a definição do tema, o equacionamento dos problemas, a maneira de trabalhar hipóteses ad hoc, o uso das fontes, a definição de objetos, os procedimentos de análise, a fixação das interpretações, a percepção da “teia de significados” são variáveis que, conforme a posição (e a época) do autor se combinam ou excluem, mas constituem um guia operacional seguro para o pesquisador.¹⁴

Venâncio e Casasca¹⁵ destacaram que, na década de 1970 o número de estudos que utilizavam os jornais como fontes de pesquisa para compreender a história do Brasil era relativamente pequeno, aumentando a partir dos anos de 1980 quando se aprofundaram as pesquisas a respeito da escravidão. Um destes estudos é o de Lília Schwarcz¹⁶, que se utilizou dos jornais do final do século XIX para discutir a imagem dos negros expressa na imprensa paulistana entre as décadas de 1870 e 1900. Cabe ressaltar, que além deste estudo, outras pesquisas foram¹⁷ e continuam sendo desenvolvidas a partir da utilização de anúncios de jornais de escravos do

101

¹¹ Gilberto Freyre, na década de 1930, estudou e analisou cerca de dez mil anúncios de escravos contidos em periódicos brasileiros do século XIX, resultando posteriormente na publicação de sua obra “O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX” (1963), em que tem, como anexo, três estudos sobre a população escravizada a partir de anúncios de escravos, elaborados ainda na década de 1930.

¹² AMANTINO, Márcia. As condições físicas e de saúde dos escravos fugitivos anunciados no *Jornal do Commercio* (RJ) em 1850.

¹³ RÜSEN, Jörn. Tarefa e função de uma teoria da história. In: *Razão histórica. Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica*. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: UnB, 2001.

¹⁴ WEHLING, Arno. Historiografia e epistemologia histórica. In: MALERBA, Jurandir (org.). *A história escrita: teoria e história da historiografia*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2009, p. 184.

¹⁵ CASASCA, Marina; VANÂNCIO, Renato. Jornais mineiros do século XIX: um projeto de digitalização. In: *Revista eletrônica Cadernos de História*, Ano II, n. 1, mar. 2007. Disponível em: <www.ichs.ufop.br/cadernosdehistoria>. Acesso em 20/11/2010.

¹⁶ SCHWARCZ, Lília Moritz. *Retrato em branco e negro*. Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

¹⁷ A utilização do anúncio enquanto fonte de pesquisa e análise pode ser percebida em obras como a de Karasch, Amantino, Ferrari, Lima, entre outras.



século XIX para analisar novos aspectos da população escravizada, ou seja, este material continua sendo uma importante fonte de conhecimento.

No que se refere às pesquisas voltadas para Paraíba que se utilizaram dos jornais, mais precisamente dos anúncios de escravos fugidos do século XIX, temos os estudos das pesquisadoras Solange Rocha¹⁸ e Maria da Vitória Lima¹⁹. A primeira utilizou-se dos anúncios para resgatar experiências de crianças, mulheres e homens escravos em três freguesias da Zona da Mata: Livramento, Santa Rita e Nossa Senhora das Neves. A segunda analisou fatos ligados à resistência dos escravizados na Paraíba durante o século XIX a partir dos anúncios de escravos fugidos.

No presente artigo utilizei as mesmas fontes de pesquisa, mas, discutindo outras questões relacionadas ao cotidiano e condições de trabalho e moradia dos escravizados na Paraíba, para que assim possamos chegar a algumas conclusões e hipóteses a respeito das condições físicas e de saúde destes.

Maria da Vitória Lima²⁰ expôs que “os anúncios do século XIX muitas vezes eram apresentados como notícias ou avisos, já que inexistia uma estrutura fixa e rígida para os anúncios, visto que cabia a cada anunciante o preenchimento do espaço destinado a sua divulgação da forma que melhor lhe conviesse, tornando-o um gênero com marcas de personalidade devido à presença no texto de seu “tom pessoal”.” Podemos perceber este “tom pessoal” nos anúncios relacionados aos escravos publicados nos jornais paraibanos da segunda metade do século XIX:

No dia 15 de junho do corrente anno fugio de Placido Pinto da Conceição, morador na povoação de Fagundes termo de Campina Grande, província da Parahyba do norte, um escravo crioulo, de nome Pedro, com idade de quarenta anos mais ou menos, alto pouca barba, *meio côxo, pôr ter no pé direito uma paralyisia incompleta e já haver diminuição nos músculos, e que faz sensível diferença do pé esquerdo.* Grifos nossos [...].²¹

A partir deste anúncio é possível perceber a “voz do dono”, que “caracteriza-se por exprimir as relações de poder na qual se encontra existentes na época e próprias dessa e do lugar

¹⁸ ROCHA, Solange Pereira da. *Gente negra na Paraíba oitocentista*: População, família e parentesco espiritual. São Paulo: editora UNESP, 2009.

¹⁹ LIMA, Maria da Vitória Barbosa. *Liberdade interdita, liberdade reavida*: escravos e libertos na Paraíba escravista (século XIX). 2010. 378 f. Tese de Doutorado (Doutorado em História). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

²⁰ LIMA, Maria da Vitória Barbosa. *Liberdade interdita, liberdade reavida*: escravos e libertos na Paraíba escravista (século XIX), p. 34.

²¹ Jornal *A Regeneração*, 27 de julho de 1861.



do poder na qual se encontra quem fala: a classe dos donos de escravos”²². A partir da fala do anunciante, no caso o dono do escravizado, podemos também encontrar indícios sobre a condição física e de saúde deste cativo, conforme descrito e destacado anteriormente.

Muitos dos problemas de saúde relacionados à condição física dos escravizados apresentados pelos anúncios de escravos fugidos estão relacionados à própria condição de cativo em que viviam (moradia, alimentação e vestimentas) e as longas e repetitivas jornadas de trabalho realizadas. Como podemos observar o escravo fugido Pedro apresentava uma paralisia incompleta e diminuição nos músculos, o que provavelmente seria os efeitos de longos anos de trabalho. Entretanto, esta paralisia poderia também ser resultado da *triptanosomíase americana*²³. O *triatoma megista*, conhecido na Paraíba como “barbeiro” e “bicho de parede”, escolhe, como lugar de sua morada, habitações precárias construídas com barro e cobertas com sapé, a exemplo de algumas senzalas. Na percepção de Sônia Magalhães²⁴, estas características de habitações eram propícias para esse artrópode depositar seus ovos e iniciar os dois períodos de manifestação do tripanossomo, o agudo e o crônico. Por sua vez, no período agudo ou febril, os parasitas poderiam viver dias ou meses na circulação periférica, até penetrarem nas fibras do coração, causando, na maioria das vezes, a morte dos doentes. Porém, quando estes parasitas incidem no sistema nervoso, podem provocar paralisias e outras debilitações.

103

Outros anúncios apresentam outros sinais de modificações corporais nos escravizados, como este: “Fugio no dia 20 de junho do corrente anno, hum mulato de nome João, idade de 22 a 24 annos, cabelos entre crespo e paxaim, olhos regulares, rosto redondo, dentes [...], mãos grandes, *pernas grossas, corpo grosso*, altura regular [...]”²⁵, grifos nossos. Este anúncio chama atenção para o fato deste escravo possuir pernas grossas e corpo grosso. Estas descrições poderiam indicar sinais de elefantíase-dos-árabes e elefantíase-dos-gregos, já que ambas engrossavam e desfiguravam o corpo. A este respeito, Mary Karasch²⁶ destacou que pelos sintomas descritos na elefantíase- dos- árabes tratava-se de filariíase, “uma doença causada por um parasita invasor que

²² FERRARI, Ana Josefina. *A voz do dono*. Uma análise das descrições feitas nos anúncios de jornal dos escravos fugidos. Campinas: Editora Pontes, 2010, p. 103.

²³ Esta doença é conhecida popularmente por doença de Chagas.

²⁴ MAGALHÃES, Sônia Maria de. *Alimentação, Saúde e doenças em Goiás no século XIX*. 2004. 260 f. Tese de Doutorado (Doutorado em História). Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Franca, 2004.

²⁵ Jornal *O Reformista*, 25 de agosto de 1850.

²⁶ KARASCH, Mary C. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo. Companhia das Letras, 2000.



se instalava nos vasos linfáticos”²⁷. À medida que estes parasitas se multiplicavam, as pernas, o escroto e os seios inchavam de tal forma, que no caso das pernas poderiam atingir tamanhos e aparência de elefantinhos.

Com relação às mãos dos escravos, alguns anúncios chamavam atenção para o fato de serem “inchadas”, o que poderia ser um sinal de violência contra o escravizado, pois era comum na época o uso da palmatória como instrumento de castigo. Outro tipo de castigo muito utilizado no período da escravidão era a aplicação de açoites, que deixava marcas nos corpos dos escravizados, como é possível verificar: “Fugio no dia 20 do corrente [...] a escrava Anna, crioula, idade de 33 para 34 anos, com os seguintes signaes: baixa, secca, côr não muito preta, olhos regulares, pescoço curto, e fino, *algumas marcas de xicote* [...]”²⁸, grifos nossos.

O impacto do castigo sobre a saúde dos açoitados era grande. As chibatadas abriam feridas no corpo dos escravizados que permitiam a penetração de parasitas tropicais, vermes, esporos e bacilos, entre outros. Mary Karasch²⁹ descreveu que era com frequência depois de um castigo que a pele era perfurada, os escravizados contraíam tétano, além de outros problemas resultantes de infecções em feridas abertas como gangrena, úlceras tropicais, boubá e ancilostomose. No Brasil, com clima tropical, estas feridas abertas eram às vezes letais para os escravos que não recebiam os cuidados necessários.

Muitos escravos ainda traziam em seus corpos marcas de acidentes de trabalho como podemos perceber neste anúncio:

Ausentou-se no dia 8 deste mez, o escravo Antonio, conhecido como carrapato, com os signaes seguintes: pardo, 58 annos de idade, mais ou menos, estatura mediante, cabelos não muito carapinhos e já bem pintados de branco, dois dedos da mão direita coriados, um pulmão em um dos pés, no qual *tem uma cicatriz, produzida por golpe de machado em ocasião de trabalho no officio de carpina* que é sua profissão, uma pequena fistula no lado esquerdo do rosto, prosista e amante a bebidas espirituosas [...]. Grifos nossos.³⁰

Percebemos que o próprio anúncio relatou que a cicatriz do escravizado é proveniente de acidente de trabalho. Porém, em outros casos estas marcas de cicatrizes relatadas nos anúncios de escravos fugidos, não são possíveis de serem identificadas quanto à origem, a exemplo, do

²⁷ KARASCH, Mary C. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*, p. 233.

²⁸ *Jornal da Parahyba*, 27 de julho de 1864.

²⁹ KARASCH, Mary C. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*, p. 183.

³⁰ *Jornal O Liberal Parahybano*, 1 de maio de 1883.



escravo que fugiu do Engenho Roma, no Termo de Bananeiras (PB) em 1883, que foi descrito no anúncio como possuidor de uma cicatriz próxima a boca, sem relatar sua origem.³¹

Gilberto Freyre³² comentou que no caso das marcas étnicas, estas eram confundidas por vezes com marcas de fogo que estigmatizavam os escravos como escravos para vida inteira e que

das próprias deformações de corpo que assinalavam muitos escravos fugidos retratados com todos os ff e rr em anúncios de jornais brasileiros do Tempo do Império deve-se salientar que não eram deformações que os definissem como cacogênicos; e sim deformações que dentro das culturas tribais donde os arrancava o tráfico negreiro, visavam fins estéticos ou objetivos rituais, condicionados pelas mesmas culturas [...].³³

Um destes tipos de “deformações”, isto é, modificações corporais, muito presente nos anúncios relacionados a escravos na Paraíba, diz respeito à questão dos dentes. Em muitos anúncios verificam-se diversos aspectos ligados à saúde dentária dos escravos ou ainda a falta de dentes, que poderia, em alguns casos, estar ligada a questões estéticas e culturais dos escravizados: 1) um dente da frente quebrado; 2) dentes limados; 3) com falta de alguns dentes da frente; 4) com todos os dentes da boca; 5) dentadura bôa; 6) dentes perfeitos e limados.

Andersen Silva, Diana Carvalho e Sheila Souza³⁴ destacaram que, as modificações intencionais do corpo consideradas mais frequentes nos africanos são as mutilações dentárias. Gilberto Freyre³⁵ afirmou sobre este aspecto que, as alterações dentárias – sobretudo os dentes limados – talvez sejam dentre as marcas de caráter étnico, as registradas em maior número nos anúncios de jornais brasileiros do tempo do império, embora as que se referem a dentes extraídos faltem os pormenores que lhes dariam verdade antropológica. No entanto, cabe salientar que a perda dentária em vida pode ser resultado de diversos fatores, como por exemplo, a cárie dentária não tratada, que pode ter sido muitas vezes causada pela sacarose presente na cana-de-açúcar, tão cultivada na Paraíba durante o século XIX.

Os pés dos escravizados descritos nos anúncios de jornais da segunda metade do século XIX que circularam na Paraíba, também podem fornecer ricas informações a respeito das condições físicas e de saúde dos escravizados. Muitos anúncios descrevem de várias maneiras os pés dos escravizados: “pés cumpridos”, “pé direito uma paralyisia incompleta”, “pés seccos”, “pés

³¹ Jornal *O Liberal Parahybano*, 24 de novembro de 1883.

³² FREYRE, Gilberto. *O Escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. Recife: Imprensa Universitária, 1963.

³³ FREYRE, Gilberto. *O Escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*, p. 133.

³⁴ SILVA, Andersen Líryo da; CARVALHO, Diana Maul de; SOUZA, Sheila Mendonça de. A Saúde dentária dos escravos em Salvador, Bahia. In: NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; CARVALHO, Diana Maul de (org.). *Uma História brasileira das doenças*. Brasília: Paralelo 15, 2004.

³⁵ FREYRE, Gilberto. *O Escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*, p. 47-48.



chatos”, “pés grandes”, “pé direito aleijado”, “pés bastante grandes e chatos” e, “um pulmão em um dos pés”.

Os sapatos, visto como “o emblema da liberdade”, não eram usados pelos escravizados, e estes sofriam conseqüentemente vários danos nos pés. Mary Karasch³⁶ afirmou que um perigo para o escravo que andava descalço era o bicho-de-pé, que caso não fosse bem removido, o inseto colocava seus ovos sob a pele, causando infecções sérias que podiam deixá-los aleijados. Além disso, era comum nos anúncios informações a respeito das unhas e dedos dos escravizados: “uma unha do pé lascada”, “dêdos arrebitados”, “faltando-lhe o dedo mínimo do pé direito”. Estas descrições evidenciam diversos problemas de saúde causados pela falta de sapatos e vulnerabilidade dos pés.

Além dos pés, dedos e unhas, os olhos era outro aspecto que aparecia com frequência nas descrições enunciadas pelos senhores de escravos nos anúncios de fuga, já que neste tipo de anúncio é possível identificar uma “riqueza de detalhes com suas marcas e sinais que revelam uma população constantemente atacada por problemas de saúde, pestes e castigos”³⁷. Muitos anúncios revelam que os escravizados possuíam os “olhos vivos e vermelhos” ou “olhos vermelhos”, o que poderia indicar algum problema na visão. Gilberto Freyre³⁸ relatou que, certos casos de doenças de olhos que se referem os anúncios de negros fugidos seriam talvez manifestações de carências de vitaminas A, causada pela falta de nutrição conveniente e suficiente, o que levaria a oftalmia, uma cegueira noturna parcial ou total, que deixava os olhos irritados e vermelhos.

A respeito da oftalmia presente nos escravizados, Mary Karasch³⁹ comentou que esta se tratava de uma moléstia contagiosa dos olhos, sendo uma das doenças mais temidas do tráfico negreiro, devido aos danos a saúde que a mesma causava. A mesma autora ainda acrescentou que a causa exata de tanta cegueira entre escravos é difícil de determinar, pois esta poderia ser consequência de diversos motivos, como a deficiência de vitamina A, citada também como motivo por Gilberto Freyre⁴⁰, acidentes, glaucoma não tratado, catarata, e doenças como varíola, sarampo, sífilis e lepra.

³⁶ KARASCH, Mary C. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*, p. 188-189.

³⁷ BASTOS, Ana Karine P. de Holanda. Estratégias publicitárias do anúncio de escravo no jornal do Recife. In: *Mercatus Digital*, Recife, n. 19, jul. 2010, p. 38. Disponível em: <<http://mercatus.escolademarketing.com.br/index.php/revista/article/view/3>>. Acesso em: 20/02/2011.

³⁸ FREYRE, Gilberto. *O Escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*, p. 114-115.

³⁹ KARASCH, Mary C. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*, p. 228-229.

⁴⁰ FREYRE, Gilberto. *O Escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*, p. 114.



Márcia Amantino⁴¹ afirmou que em alguns casos, esta limitação física poderia constituir grande vantagem para o senhor, já que escravos cegos ou com outras deficiências eram colocados nas ruas para esmolar, revertendo o lucro para seu dono. Porém é importante destacar, que o fato de os escravizados serem descritos nos anúncios de fuga com os olhos vermelhos pode ser sinal de consumo de bebidas alcoólicas, uso de fumo e mesmo de maconha, já que consumidos em grande quantidade deixam os olhos vermelhos como a oftalmia. A respeito do uso de maconha entre os escravos, é importante destacar que este era um hábito comum a cultura escrava do Oitocentos e que, muitas vezes, estava presente no dia-a-dia das sociedades africanas de onde estes escravos eram originários.⁴²

Anexo a este fato, estão as marcas de bexigas tão presentes nas descrições dos corpos dos escravizados. Para Keith Barbosa⁴³ é fundamental dar relevo aos aspectos ambientais, às condições sanitárias, aos regimes de trabalho, às dietas alimentares, aos vestuários, entre outros, para explicar as dinâmicas de morbidade e mortalidade numa sociedade escravista.

Durante grande parte da segunda metade do século XIX, a Paraíba foi alvo de diversas moléstias e pestes que resultaram, em alguns momentos, na morte de diversas pessoas das mais variadas camadas sociais. Muitos relatórios de presidentes de província descreveram durante vários anos as mais variadas doenças que fizeram parte do cotidiano da população, como podemos observar neste de 1851:

Nesta Capital apareceu a peste *variola* em Abril deste anno, e de péssima qualidade; não foi em grande escala como em outras épocas [...].
Constando a esta Prezidencia em data de 28 do mez findo que a *bexiga* estava produzindo estragos na população da Bahia da Traição [...]. Grifos nossos.⁴⁴

Ou ainda:

A epidemia das *bexigas*, de que vos deu notícia o meu honrado antecessor em seu Relatório, com quanto tenha diminuído muito de intensidade, ainda não abandonou

⁴¹ AMANTINO, Márcia. As condições físicas e de saúde dos escravos fugitivos anunciados no Jornal do Commercio (RJ) em 1850, p. 1385.

⁴² Ver: GONTIÉS, Bernard. Maconha: uma perspectiva histórica, farmacológica e antropológica. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme/article/view/164>>. *Revista Mneme*, v. 4, n. 7, fev/mar. 2003. Acesso em: 20/02/2011.

⁴³ BARBOSA, Keith. Saúde e escravidão: aspectos da experiência negra entre Brasil e Angola na primeira metade dos dezenove. In: *ENCONTRO DE HISTÓRIA ANPUH*, XIII, 2008, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: ANPUH, 2008. Disponível em: <<http://www.encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/20081212975485-Arquivo-ANPUH-RIO-KeithBarbosa.pdf>>. Acesso em: 20/11/2010.

⁴⁴ Relatório apresentado a Assembleia Legislativa Provincial da Parahyba do Norte pelo excelentíssimo presidente da província. O dr. Antônio Coelho de Sá e Albuquerque, em 2 de agosto de 1851, fl.12. Disponível em: <<http://www.crl.edu/brazil/provincial>>. Acesso em: 20/11/2010.



completamente esta Província, fazendo todos os dias uma ou outra victima. Grifos nossos.⁴⁵

Como podemos perceber em diversos anos a varíola ou bexiga⁴⁶ esteve presente no dia-a-dia da população que vivia na Paraíba, chegando mesmo a matar como foi possível verificar. As vítimas que conseguiram sobreviver, muitas delas passaram a carregar em seus corpos as marcas deixadas por estas doenças, marcas estas que podem ser identificadas nos escravos através dos anúncios da segunda metade do século XIX:

Fugio na noite de 19 para 20 do corrente mez, do sítio do Sr. Dr. Augusto F. de Oliveira a Ponte d' Uchôa o seu escravo Luis, quase que branco, *tendo no rosto marcas de bexigas bem visíveis*, cabelo anelado, baixo, reforçado, bem falante, e de cerca de 28 annos, levou camisa de beata encarnada e chapéu de palha novo, mas já foi encontrado vestido de roupa branca, e consta que fora munido de uma carta [...], [grifos nossos].⁴⁷

Este anúncio chama atenção para o fato de as marcas de bexigas serem bem visíveis, mas em outros casos é possível identificar outras referências a respeito das marcas deixadas pela referida doença: “pele bexigosa”, “marcas de bexigas pouco perceptíveis” e, “bexigoso”. Estes detalhes contidos nos anúncios de escravos, com suas marcas e sinais, evidenciam então uma população escravizada constantemente atacada por problemas de saúde e pestes.

Segundo Lília Lobo⁴⁸, as doenças e epidemias que dizimavam a população afetavam particularmente os escravos, em face às condições de higiene em que viviam. Geralmente as condições de alojamento dos escravizados eram péssimas, pois dificilmente as senzalas eram construídas com tijolos e telhas, sendo a maioria fria, com pouca ventilação e suja, tendo paredes construídas com barro e cobertas com sapê. Estas condições higiênicas em que vivia grande parte da população no Brasil em meados do século XIX, respondem por ser um dos fatores que ocasionaram vários surtos epidêmicos que se repetiam com pouco intervalo, a exemplo da febre amarela, cólera, varíola ou bexiga, que se espalhavam rapidamente pelos municípios da Paraíba. Sendo assim,

considerar a saúde e a doença como realidades orgânicas independentes tanto do espaço e do tempo, quando das características dos indivíduos e dos grupos atingidos

⁴⁵ Fala recitada na abertura da Assembleia Legislativa da Parahyba do Norte pelo presidente da província, o doutor Antônio da Costa Pinto Silva em 5 de agosto de 1856, fl.19. Disponível em: <<http://www.crl.edu/brazil/provincial>>. Acesso em: 20/11/2010.

⁴⁶ Além da bexiga e varíola, outros tipos de moléstias assolaram a população paraibana na segunda metade do século XIX, a exemplo da febre amarela e cólera.

⁴⁷ Jornal *O Tempo*, 03 de agosto de 1865.

⁴⁸ LOBO, Lília Ferreira. Corpo cativo e corpo assujeitado: as marcas da deficiência. In: _____. *Ao infames da história: pobres, escravos e deficientes no brasil*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008, p. 148.



por uma doença, é restringi-las à leitura exclusiva do saber médico e não percebê-las como realidades que dimensões sociais.⁴⁹

Um fator ainda a ser destacado refere-se à saúde mental do escravizado. Em vários anúncios, os escravos são descritos com cicatrizes, as quais muitas delas poderiam ser indícios das más condições de trabalho e mesmo de castigos. Acrescenta-se a este fato que a violência não era apenas física, mas como também psicológica e que ambas poderiam provocar problemas de estresse nos escravizados. Márcia Amantino⁵⁰ comentou que as doenças de caráter psicológico podem ser indicativas das constantes pressões emocionais enfrentadas pelos escravos durante toda a vida, resultando em problemas emocionais como a gagueira, que poderia ser reflexo das pressões, medos e traumas na infância.⁵¹

Nos anúncios de jornais é possível identificar indícios de desvios psicológicos nos escravos: “gago”, “tem a fala um tanto baixa”, “costuma olhar para os pés quando fala”, “costuma olhar para baixo” e, “anda apressado e olhar um pouco espantado”. Todavia, estes são apenas indícios, visto que os anúncios de fuga de escravos não visavam comentar sobre os problemas de saúde dos escravizados, limitando-se apenas a descrevê-los, já que a intenção era tão somente capturar o “fujão”.

Alguns escravos possuíam ainda problemas com os “vícios”⁵². Muitos senhores relatavam nos anúncios de fuga que o escravizado fugido possuía alguns “vícios”: “gosta de tomar bebidas alcoólicas”, “toma tabaco”, “gosta de beber e tomar tabaco” e, “fuma cigarros”. Lília Lobo⁵³ comentou que, o alcoolismo é fruto da tendência à degeneração e não um hábito adquirido, sendo o mais das vezes, para disfarçar a fome, aguentar o excesso de trabalho e o frio. A este respeito, Gilberto Freyre⁵⁴ chamou atenção para o fato deste tipo de “vício” ser comum, principalmente, entre os negros de engenhos e de regiões dominadas pelo açúcar. Além disso, Mary Karasch⁵⁵ argumentou que a aguardente ou a cachaça era um gênero barato da dieta dos cativos, fazendo desta forma parte das refeições, dando suplemento as dietas inadequadas.

⁴⁹ SILVEIRA, Anny Jackeline Torres da; NASCIMENTO, Dilene Raimundo do. *A doença revelando a história*. Uma historiografia das doenças, p. 29.

⁵⁰ AMANTINO, Márcia. As condições físicas e de saúde dos escravos fugitivos anunciados no *Jornal do Commercio* (RJ) em 1850, p. 1387.

⁵¹ Em alguns casos, este problema de dicção poderia ser de nascença.

⁵² Estes “vícios”, como se dizia na época, muitos deles são considerados hoje verdadeiras doenças.

⁵³ LOBO, Lília Ferreira. *Corpo cativo e corpo assujeitado: as marcas da deficiência*, p. 148.

⁵⁴ FREYRE, Gilberto. *O Escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*, p. 111.

⁵⁵ KARASCH, Mary C. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*, p. 437.



Todavia, ao contrário dos anúncios de fuga que descreviam os escravizados como tendo vícios, os anúncios de compra, venda e aluguel, chamavam atenção para o fato de os cativos terem boa saúde e não possuírem “vícios”: “Vende-se um escravo crioulo, oficial de sapateiro, bonita figura, conducta excelente, sem vício, muito sadio, muito fiel, próprio para pagem [...]”⁵⁶. Percebe-se que neste tipo de anúncio, o escravizado era visto como uma mercadoria. Esta “mercadoria” era geralmente descrita de maneira elogiosa, com boa saúde e portadora de boas virtudes. Isto poderia ser uma estratégia comercial, que procurava ressaltar as qualidades do escravizado, ou ainda o perfil que se esperava do escravizado, para que assim este se tornasse atraente para o comprador.

Apesar dessa discussão da saúde e das condições físicas dos escravizados, é importante destacar que na Paraíba durante a segunda metade do século XIX algumas medidas foram tomadas para conter os problemas de saúde que atingiam a população, e conseqüentemente os escravizados. No que diz respeito aos cuidados com a saúde dos escravizados, muitos senhores, talvez em ocasião do término do tráfico intercontinental de escravos e, portanto, da elevação de seu preço, passaram a tomar algumas medidas preventivas, pois a saúde do escravo era uma pré-condição na determinação de seu preço enquanto mercadoria. Um exemplo de medida preventiva utilizada não apenas neste período, como também durante todo o século XIX foi a vacinação contra a varíola como é possível identificar: “Fugio desta cidade da Parahyba [...] o escravo Rufino [...] foi vacinado pouco antes de fugir [...]”. Grifos nossos.⁵⁷ Entretanto este cuidado de vacinação, não era exclusivo para os escravizados, sendo utilizado por todas as classes sociais: “[...] consta na Capital [...] que do 1 de janeiro a 31 de dezembro de 1860 forão vacinados 300 indivíduos, sendo: Homens 187; Mulheres 113; Livres 214; Escravos 86; Total 300”⁵⁸

110

Cabe salientar que, durante as últimas décadas do século XIX várias foram às moléstias que assolaram a população paraibana, sendo então tomadas diversas medidas para conter os danos e as mortes, conforme podemos perceber nos relatórios dos presidentes de província:

Logo que se apresentarão os 1º casos de peste, que forão nas tripulações dos navios estrangeiros, deliberei construir hum Lazarêto, em lugar distante d’esta Cidade, para evitar comunicação aos habitantes. [...].⁵⁹

⁵⁶ Jornal *O Imparcial*, 20 de fevereiro de 1861.

⁵⁷ Jornal *O Despertador*, 18 de fevereiro de 1869.

⁵⁸ Jornal *A Regeneração*, 04 de maio de 1861.

⁵⁹ Relatório apresentado a Assembleia Legislativa Provincial da Paraíba do Norte pelo excelentíssimo presidente da província o coronel José Vicente de Amorim Bezerra, na abertura da sessão ordinária em 2 de agosto de 1850, fl.19. Disponível em: <<http://www.crl.edu/brazil/provincial>>. Acesso em: 20/11/2010.



Tem sido constante a propagação da vacina na província, infelizmente, porem, continua grande parte da população a repelir, como perigoso germen, tão benéfico e eficaz preservativo [...].⁶⁰

Destaca-se ainda que, a responsabilidade pelas medidas sanitárias domésticas era de cada morador individualmente⁶¹. Em casos de doenças muitas pessoas recorriam aos cuidados de médicos, boticários, físicos e cirurgiões licenciados para tratarem de suas enfermidades. No entanto, na falta desses profissionais licenciados, a população recorria ao auxílio das benzedadeiras⁶², curandeiros e feiticeiros⁶³, curiosos e, barbeiros⁶⁴. No que se refere as fazendas, como muitas ficavam distantes das cidades e vilas, a assistência médica era rara, sendo então realizada pelos fazendeiros através do auxílio de manuais de medicina que descreviam os sintomas das doenças e indicavam a terapêutica. Além desses manuais, era comum nos jornais notícias que descreviam os sintomas das doenças e a forma como tratá-las: “Sobre o Cholera: Os symptomas graves e principais do cholera são- diarrhéa, vômitos e frio.[...] Para a diarrhéa e vômitos, a base do tratamento é o opio: para o frio, tudo quanto pode excitar e estimular [...] o calor”.⁶⁵

De acordo com Onildo David⁶⁶, além das medidas citadas anteriormente, fazia-se necessário limpar a cidade, saneá-la, desinfetá-la. No relatório da provedoria da saúde da Província da Paraíba do ano de 1858, as autoridades demonstravam preocupação com a insalubridade da capital e a falta de asseio das habitações, indicando algumas medidas que precisavam ser tomadas:

[...] é pois urgentíssima necessidade que as ruas desta capital sejam conservadas na maior limpeza possível [...] calçando- as para evitarem-se os empossamentos d’águas pluviais [...] As casas saão caiadas⁶⁷, interna e externamente, de tempos a tempos, obrigando-se os proprietários que reconstruam suas propriedades, a fazerem-na

⁶⁰ Relatório com que o exm. Sr. Dr. José Ayres do Nascimento abriu a Assembleia Legislativa provincial em 1 de agosto de 1884, fl. 5. Disponível em: <<http://www.crl.edu/brazil/provincial>>. Acesso em: 20/11/2010.

⁶¹ MAGALHÃES, Sônia Maria de. *Alimentação, Saúde e doenças em Goiás no século XIX*, p. 163.

⁶² Não costumavam recitar remédio nem indicar tratamentos de saúde, rezando preces com gestos e ramos no intuito de conseguir bons resultados para os males combatidos.

⁶³ Utilizavam magias e medicamentos à base de ervas, cinzas e excrementos para a cura de todos os males.

⁶⁴ Categoria constituída por indivíduos de baixa condição social e sem instrução, que realizavam atos de sangria, aplicação de ventosas e extração de dentes.

⁶⁵ Jornal *A Regeneração*, 28 de fevereiro de 1862.

⁶⁶ DAVID, Onildo Reis. *O inimigo invisível: a epidemia do cólera na Bahia em 1855-1856*. 2003. 176 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

⁶⁷ Conforme DAVID, Onildo Reis. *O inimigo invisível: a epidemia do cólera na Bahia em 1855-1856*, a qual era vista como uma poderosa substância adstringente.



observando no possível as regras de hygiene [...] as suas portas e janelas devem de corresponder-se, os seus compartimentos devem ser espaçosos e claros.⁶⁸

Outro ponto que causava preocupação era a morte dos habitantes e seu sepultamento. Durante muito tempo os mortos eram sepultados, normalmente, nas igrejas que haviam frequentado em vida. Porém, os higienistas perceberam que este costume era prejudicial à saúde dos vivos, passando a defender a ideia de criação de lugares específicos para este fim⁶⁹. Os mortos passariam então a ser sepultados em cemitérios, que geralmente localizavam-se em pontos distantes do centro urbano, pois, segundo os higienistas, afastaria o perigo da insalubridade do ar. Além disso, “uma organização civilizada do espaço urbano requeria que a morte fosse higienizada, sobretudo, que os mortos fossem expulsos de entre os vivos e segregados em cemitérios extra muros”.⁷⁰

Estas medidas sanitárias, adotadas ao longo do século XIX, mesmo que resultassem em mudanças de hábitos seculares da população, a exemplo da construção dos cemitérios, eram necessárias, pois só com estas medidas, adotadas e impostas pelas autoridades foi possível diminuir os focos de infecção das cidades e vilas.

Desta forma, a partir dos dados esboçados percebemos que a saúde, a doença, a cura e as condições físicas dos escravizados portam significados complexos que ultrapassam a dimensão biológica do cativo, pois as condições de cativo, como moradia, vestimentas, alimentação e condições de trabalho, foram determinantes para o desenvolvimento das doenças e agravamento de problemas de saúde. Sendo assim, mesmo que os anúncios de escravos nos forneçam apenas indícios das condições físicas e de saúde dos cativos, foi possível chegar a algumas conclusões e hipóteses a respeito das condições em que viviam os escravizados na Paraíba entre os anos de 1850 e 1888.

Recebido: 27/10/2011

Aprovado: 25/01/2012

112

⁶⁸ Relatório da Provedoria da Saúde apresentado por João José Innocência Proggi ao Presidente da Província da Paraíba, Henrique de Beaupaire Rohan, em 11 de agosto de 1858. Os dados sobre o relatório encontram-se no Arquivo Histórico da Paraíba (AHPB), cx. 036.

⁶⁹ Estas ideias higienistas foram trazidas da Europa e começaram a ser divulgadas no Brasil no início do século XIX.

⁷⁰ REIS, João José dos. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 247.